

A COMUNA

SEMANARIO COMUNISTA ANARQUISTA

ANO VI—SÉRIE II

N.º 113 (203)—10-5-925

PREÇO: CONTINENTE e ILHAS, \$30—AFRICA, \$40—ESTRANGEIRO, \$65

Redactor principal:

Clemente V. dos Santos

Editor:

António José d'Almeida

PROP. DO GREPO EDITOR DE A COMUNA

RED. e ADM.: Rua do Sol, 131—PORTO

CORR.: APARTADO 17—PORTO

Administrador:

José Rodrigues Reboredo

Comp. e imp. na Tip. A INTERMEDIARIA, Porta do Sol, 23

Os desvios do Sindicalismo

A UNIÃO DAS ESQUERDAS

Um numeroso grupo de libertários espanhóis dirigiu, recentemente, uma carta aberta aos anarquistas que dedicam toda a sua inteligência e toda a sua acção ao desenvolvimento da Confederação Nacional do Trabalho.

Originaram a redacção dessa carta, que ora está sendo discutidíssima, os desvios que se tem notado na organização sindicalista revolucionária de Espanha. E como neste país vizinho não se ignoram as cabriolas que algumas vezes a organização operária portuguesa tem dado, naquele documento leem-se estas significativas passagens:

«Em Portugal, país onde as massas filiadas na C. G. T. sempre significaram a sua abnegação e a sua energia nas lutas sociais, escrevendo belas páginas na sua história revolucionária, vemos agora decrescer essa apreciável qualidade de libertarismo e prestar-se a oferecer o decidido apoio do povo trabalhador ao governo esquerdista lusitano. Em Portugal, como em Espanha, nota-se uma flutuação no que foram confederações de espiritualidade anarquista no sentido negativo da sua tradição. E ao pressentirem a profunda crise moral que nos seus dirigentes mais proeminentes se verifica, os anarquistas lusitanos veem-se na dura necessidade de romper o silêncio que em aras da comum harmonia proletária traçaram, a fim de sair ao encontro dessa propaganda soporífera e acomodaticia da Conferação — propaganda mesurada, de vergonhosa responsabilidade, a qual, no seu precipitado declínio, chega às maiores inconseqüências e — para quem negá-lo? — a baixezas e imoralidades de lesa ética sindical.

«A Comuna», de Lisboa (aqui há erro de localidade, mas todos os nossos leitores sabem que o nosso jornal tem sede no Porto), que coincide em tudo com os anarquistas argentinos da F. O. R. A. com respeito à acção comum do movimento operário, que são irredutíveis e intransigentes com os vícios políticos das massas — ao dar-se conta do grave perigo em que se encontra o proletariado português pelos desvios e pelo confucionismo dos seus dirigentes, tratou de apresentar o mal com o objectivo de atalhá-lo e de remediá-lo a tempo.

Se as organizações que estão aderentes à A. I. T. fraquejam na inteligência e consequência moral dos seus fins, o que não sucederá aos demais centros sindicais que nem sequer possuem essa solvente rectidão de princípios e normas de sã idealidade?»

Esta alusão foi devida à propaganda colaboracionista e transitória que *A Batalha*, lamentavelmente, alimentou na situação política de José Domingues dos Santos. Nós, na devida altura psicológica, combatemos esse desvio oportunista do órgão na imprensa da organização operária.

Numa reunião do Conselho Confederal, a atitude *experimentalista* de apoio a um governo fingidamente radical e, até, de conselho, veladamente *franco*, à pugna eleitoral pelos partidos avançados, foi repeliada e *ratificado* o tiro anterior.

A coerência, porém, ainda não estava livre de outra estocada, tal é a inconsistência das opiniões de certos militantes.

Daí o termos ainda a mesma necessidade referida na *Carta aberta aos camaradas anarquistas espanhóis*.

A C. G. T., empurrada pelos

futebolers de um doutrinário sempre oscilatório, esqueceu-se de que no seu seio estão representadas todas as tendências políticas, filosóficas e religiosas e foi *demonstrar* a sua fraqueza, a sua impotência, o seu nenhum valor do antigo *basta-se a si próprio* para as lutas operárias contra a burguesia — lançando-se, *transitoriamente* reconciliada, nos braços frementes de um *Comité* das esquerdas, nos braços traiçoeiros daquelas entidades que outra coisa não tem feito senão combater, clara ou encapotadamente, conforme os casos, a C. G. T., a organização operária...

Não pôde haver dois critérios: ou a C. G. T. tem mais valor do que as outras entidades estranhas e políticas, e nesse caso nada tinha que se encostar a elas aumentando-as de volume, ou não o tem, e nestas condições devemos reconhecer a esterilidade duma propaganda sem continuidade indispensável e muitas vezes enviuzada. Se tem força moral e valor representativo do proletariado, a C. G. T. não devia temer a falta de correspondência ao seu apelo, às suas proclamações, aos seus esforços revolucionários, por todas as tendências políticas, filosóficas e religiosas que, *verdadeiramente*, detestem todas as ditaduras militaristas e reaccionárias...

A não ser que o zelo da especulação política das facções partidárias constituídas fora da organização operária, contrariando o escrúpulo que a C. G. T. deve integralmente manter pelos seus princípios básicos de ideologia apolítica, autonomista, federalista e antiestatal, as levasse a uma traição estúpida.

Não se entendeu, porém, assim, e foi-se para o *Comité*... das esquerdas para, depois do triunfo da *ditadura* do sr. Victorino Guimarães, que jugulou o parto da *ditadura* de Raul Esteves e Filomeno da Câmara, se iniciar o período das prisões de operários que na véspera

auxiliaram os poderes constituídos de um governo *esquerdista* na derrota dos insurgentes das forças do *olho vivo*.

Isto não impede, contudo, que o órgão da C. G. T., reconhecendo que «cada partido foi sempre uma amálgama de ideias diversas, uma mistura de conservantismo e de radicalismo que lhe paralizava a acção e os tornava incapazes de grandes realizações», nos venha dizer, no dia 25 do mês findo, que se impõe, «como nunca, a união das esquerdas sociais e republicanas»: se «se tivesse constituído uma esquerda republicana, e esta procurasse como ponto de apoio as correntes de carácter social, *satisfazendo-lhe parte das suas aspirações e colocando-as na situação de poderem realizar a sua acção no operariado, nunca seria possível a série de perturbações que tem agitado a vida do país*».

Quem souber lêr, encontrará aqui uma forte dose de oportunismo, colaboracionismo, experimentalismo, dormideirismo profundamente reformista... para honra das esquerdas socialista e comunista.

E ainda para honra das esquerdas republicanas, da união das esquerdas, que *A Batalha* de 5 do corrente se queixa, amargamente, de «que, apesar dos nossos protestos, a polícia já organizou mais uma lista de prisões, entre cujos nomes se encontram os de alguns militantes operários preatimosos que tem tido uma vida de trabalho honesto, incomparavelmente superior e mais útil do que o de Rêgo Chavez que, depois de roubar o Tesouro Público, é enviado para a África, não como deportado, mas como Alto Comissário».

E' que o governo e as respectivas autoridades não olvidam os seus princípios capitalistas-estatais, não se deixam demasiadamente adormecer com as sermonatas da *união das esquerdas*: defendem a socie-

dade de quem são dignos guardiões...

E' a recompensa da lorpice proletária a abrir os olhos àqueles que, consciente ou inconscientemente, tem feito cabriolar o sindicalismo revolucionário da antiga C. G. T.

E' verdade que temos a registar que a maioria do Conselho Confederal resolveu, de futuro, não mais deixar cair a central portuguesa noutra «amalgama» colaboracionista, tanto mais que no seu seio já existe uma «amalgama de ideias diversas» sofreada pelo necessário neutralismo, autonomismo...

Mas ficaremos definitivamente niato?

Chi lo sa?...

Crónica rebelde

REVOLUÇÕES, POLÍTICA...

:: E CAUSA PÚBLICA ::

Lisboa tem sido pródiga em chinfrineiras, em conjuras políticas, em intencionas bélicas a que os homens de Portugal chamam *revoluções*. E, macaqueando a antiga Grécia e a Roma do Capitólio, Lisboa tem produzido tiranos.

Na «pérola do Atlântico», cheia de sol e de cor, cidade já sem fé onde o bronze dos sinos atira ainda sons através dos céus sem deuses; ali, onde o operário labuta, sua, pensa, sofre e espera e sonha, a cadeira dos déspotas não pode estar por muito tempo vazia.

Lá, sobre as lágrimas dos pobres, de cima das aspirações populares, sugando o sangue do proletariado, há um formigueiro de *heróis* precedidos de efêmera lenda que se arrogam o direito de governar...

Se o povo lhes nega esse direito, pedem no às bocas dos canhões. Com meia dúzia de tiros assustam o país e fazem recuar a História: levam as formas de governo aos séculos do passado, e o súbdito português, como italiano e o espanhol dos últimos anos, é metido na selva. E o país, que não tem outra missão senão a de expectador que paga, aceita tudo quanto venha, como um cachorro manso, domesticado.

E é interessante este consórcio entre o país e Lisboa! Lisboa fala-lhe da Causa Pública, da Ordem, da Constituição Política, da Salvação Nacional.

Em nome de tudo isso expludem os gestos *revolucionários*, com várias rúbricas: militaristas, economistas, conservadores, monárquicos, democrá-

ticos — porque o burguês da província é também tudo isso, contanto que a sua pele e a sua propriedade estejam a salvo.

E como o burguês da província não tem ideias políticas, mas sim interesses, o *herói* de Lisboa não tem senão apetites.

Quem tem mandado em Portugal, quer vista a farda militar, quer vista a casaca democrática, é o instinto da ambição, a espada da minoria plutocrática, que, por uma estranha aberração de destinos e circunstâncias, move a vida nacional a seu contento, puxando-a pelos cordelinhos mágicos. Nunca a vontade livre do povo foi encarnada no *desideratum* duma *revolução* ou num governo. O povo deve dispensar toda a forma, toda a ideia de governo, porque todo o governo cria ídolos e toda adulação representa Escravidão...

... Não obstante, a toleima política, em nome do povo, estabelece partidos, agrupamentos, seitas, e os indivíduos dizem, conforme os seus interesses: eu sou nacionalista; aquele é monárquico; aquele outro é democrático; Fulano é radical; Cicrano é católico; Rebuahano é socialista; etc...

No fundo, o que separa uns dos outros é apenas o nome. O nome!

De toda a comédia política, de todas as vaidades das gentes da governança, nenhuma há mais brutalmente absurda que a vaidade da classificação partidária; das diversas e nocivas manias dos homens que adoram o Deus Erário, nenhuma é mais ridícula do que esta da nomenclatura das manadas, a caricata mania de atribuir ideias nessas classificações, ideias de fomento, de progresso, de civismo, de fraternidade, de alcance sociológico, aos diversos partidos, que são apenas baseados num falaz positivismo utilitário!... Nada há mais irrisório do que aquelas afirmações categóricas de todos os partidos que se dizem representar a alma, ou o desejo, ou o ideal, ou a convicção, ou a aspiração popular!

Não; essa massa de gente a que tem faltado escolas e pão e sobrado governantes e exploradores, guarda no fundo de si uma intuição social intensa, palpitar afectuoso e grande para a Liberdade, a Liberdade sábia e ampla, sem condições políticas e sem dogmas religiosos: a Liberdade de consciência, de arbítrio, de pensamento, de instrução e de amor, de trabalho e conforto. E isso não está no programa dos partidos

políticos, porque não pode caber neles. Logo, a massa popular não pactua com a política. E porque a massa popular não está com esses partidos, os partidos hão de passar... Quando o povo desperta, sobressaltado pela voz troante dos canhões de Lisboa, já sabe de antemão que não são as suas aspirações que se defendem: sabe que são simplesmente os apetites dos tiranos que se jogam. São os mais fortes subindo e os mais fracos descendo, numa curiosa luta: luta de feras humanas disputando um sceptro sem prestígio.

E só quando o povo fizer terminar de vez essa luta, abafar os apetites, as ambições e o poderio dos tiranos; só quando a rugido das feras se extinguir num suspiro derradeiro, o povo poderá ser livre e chamar à Causa sua.

I. VAZ DA CRUZ.

0 1.º de Maio

Mais um ano que passa, e com ele mais uma data histórica em que o operariado, num esto de justificável repulsa, não vai ao trabalho, demarcando assim nitidamente o quanto foi bárbara a acção dos pretorianos americanos, enclausurando os orientadores do movimento de Chicago.

E' que faz hoje 39 anos que oito cabeças pensantes do movimento de reivindicação das oito horas de trabalho, deixaram de aspirar o ar puro da liberdade e foram metidos nas masmorras: uma suicidou-se, cinco foram enforcadas e três condenadas a prisão perpétua...

A fera plutocracia americana não podia conceber que os párias reclamassem menos horas de trabalho; e assim, bárbaramente, prendeu e torturou os caudilhos do movimento revolucionário, sem atender à justiça das suas reclamações!

E' justamente por isso, que o operariado consciente se recusa, neste dia, a trabalhar, para demonstrar, não só o seu veemente protesto contra tam nefando crime, como também vincar, claramente, o seu desejo de transformação da organização social.

Mais um ano que passa, no decorrer do qual o operariado tem sido mimoseado com prisões ao mais pequeno pretexto e com os crimes da política em Silves e nos Oliveira.

Que o operariado intelectual e manual saiba tirar partido do significado eloqüentíssimo des-

te dia e se prepare para machadar de vez os pilares falsos e iníquos que sustentam esta sociedade de feras, embrutecidas pela sede do ganho!

Porém, para que se obtenha resultados práticos, não deve somente neste dia que devemos manifestar a nossa revolta, mas sim, continuamente, lutando contra os falsos ídolos, tentando derrubar a igreja, arrancando as almas moças à sua acção deletéria, tentando, enfim, purificar o meio ambiente, para que a alvorada do 1.º de Maio alumie a Humanidade ofredora com os seus reverberos emancipadores!

Que se encorajem os desanimados, que se decidam a trabalhar os comodistas, que acordem os cépticos, que se convertam os que não conhecem o quanto é preciso trabalhar na remodelação deste lixo social, para que dias de maior ventura sucedam a estes que são incertos e impróprios de neles vivermos!

1-5-925

JOAQUIM ALVES DE FREITAS.

N. R. — Por um lamentável lapso, este escrito ficou-nos de fora. Ao repararmos este erro involuntário, pedimos ao seu autor que nos releve esta falta.

CALENDÁRIO SUBVERSIVO

MAIO

4-1912 — Em Lisboa, os tecelões em greve tem um conflito com a policia, do que resultou alguns operários e policiaes feridos.

5-1624 — E' garrotado, em Lisboa, e depois queimado, o dr. António Homem Leão, de 60 anos de idade!

6-1912 — Grande manifestação promovida por três mil tanoeiros de Vila Nova de Gaia, para reclamar a libertação de quatro companheiros presos por causa duma greve. Foram atendidos na sua reclamação.

7-1901 — Estala a greve geral em Barcelona. A luta entre grevistas e a policia foi verdadeiramente sangrenta, havendo 80 feridos e 5 mortos.

8-1794 — E' guilhotinado Lavoisier, o fundador da quimica.

9-1913 — Sob o consulado de Afonso Costa, é apreendido em Lisboa o semanário anarquista — *Terra Livre*.

10-1909 — Em Amiens (França) é inaugurado um monumento a Júlio Verne.

agrilhoado, do Asheverus à procura do seu descanso, e alguns mártires heróicos que choramos. Como facto, facto passado, o 1.º de Maio nada tem, para o proletariado e seus revolucionários actuais, que seja útil.

Analisemos porém mais profundamente a ideia que se evolva deste facto passado. Não o facto. E então o 1.º de Maio pode reunir em si a escala ascensional do espírito do povo mareando legendariamente de batalha em batalha, como Spártacus rebelde, em busca da sua liberdade. E a esta data, antecedida doutras desde longas eras, veem juntar-se mais outras, como seja: Ferrer caindo no fôso de Montjuich pela Escola Moderna; K. Wilkens erguendo seu braço vingador dos tormentos do povo e martir do seu sacrifício; o povo do sul de Espanha incendiando os arquivos das contribuições e impostos em 1898, a semana sangrenta de 1909; as revoluções grandiosas do povo russo em 1905 e 1917; Sacco e Vanzetti, novas prêças do Estado americano... e mais, e mais, insurreições e vítimas, lendas e heróis, cuja notação completa levaria volumes. De todos estes factos, os revolucionários de hoje devem extrair um ideal de acção, de modo que, tal e qual os chineses em relação aos seus antepassados, não sejam esses factos que nos honrem mas nós que os devemos honrar.

Pedro Esteve disse: «O nosso labor, hoje mais do que nunca, deve ser intenso, não superficial.» E esta frase profunda traça com nitidez uma orientação a seguir. As acções heróicas do proletariado, tam numerosas que é raro o ano que não ateste umas poucas dessas acções, indica-nos que devemos ter fé, sempre, nos bons resultados duma insurreição geral, derrubadora do governo e do capitalismo. Mas se queremos atingir este desiderato, necessário é que dia a dia, ano a ano, (e quantos 1.ºs de Maio nos encontram no mesmo ponto dos anos anteriores!) aperfeiçoemos a nossa acção num sentido mais revolucionário, isto é, tornando a organização proletária e demais agrupações revolucionárias, mais independentes da sociedade burguesa, mais fortes e altivas, prontas a fazer a Revolução. Se a massa proletária abandona da pela inércia ou incapacidade dos militantes, se deixa enganar, por exemplo, pelas manifestações esquerdistas duma parte esparta da burguesia que quer

pôr um dique à onda invasora, isso deve-se unicamente aos militantes, que não sabem ser firmes na prática como na teoria. E desta forma, é ridículo, e é inútil, ir uma vez por ano, como os devotos a Meca, no 1.º de maio, dizer umas frases retumbantes e ôcas, em memória dos mártires de Chicago, que foram o maior exemplo da acção revolucionária.

Fortifiquemos os sindicatos, sim. Mas, no sentido da revolução social, da expropriação da propriedade, da queda do governo centralizador, e não no sentido reformista que, parece, é o sentimento que anima mais, de facto, e é lamentável, a central portuguesa. Fortifiquemos a organização dos grupos anarquistas, aptos à acção insurreccional se fôr preciso, e à acção educativa e de propaganda sempre. «Só assim faremos — diz ainda Pedro Esteve — verdadeira obra revolucionária: fazendo evolucionar constantemente.» Depois duma boa obra de propaganda e revolucionária durante o ano, sem colaboracionismos, nem reformismos disfarçados, sem andar a cada passo de cócoras perante os políticos, podem então, e é mesmo belo e consolador, ir no 1.º de Maio erguer, em palavras de entusiasmo e em actos de revolucionarismo, uma apoteose ao martirólogo proletariano, que enche a história de heroísmos e de lágrimas. É preciso que os militantes tenham autoridade moral para soltar este apêlo pujante de Michelet: «Vinde, pois, a nós, os que sois meços e fortes. Vinde a nós, trabalhadores. Para vos abraçar, os nossos se abrem. Trazer-nos um calor novo, e que de novo o mundo, a vida, a ciência recomecem.» E que o 1.º de Maio deixe de ser um ceremonial ridículo agitado todos os anos, com frases bombásticas, e os revolucionários possuam uma concepção mais imediata e própria da luta a desenvolver pela sua força própria.

FRANCISCO QUINTAL.

A escravidão da intelligência, é a pior escravidão.

Amar uma ideia porém não ser fanático de nenhuma ideia. Homens e ideias podem converter-se em tiranos. Só a humanidade é eterna; somente o ideal é imperectível.

Anselmo LORENZO.

A ORIGEM DO 1.º DE MAIO

Infelizmente, muitos trabalhadores ainda hoje desconhecem a origem do 1.º de Maio.

A maneira como os sociais democratas solenizavam esta data quando orientavam a organização operária, levou-os à convenção de que o dia 1.º de Maio era um dia de folia.

Ignoro com que intenção se ocultou, durante tantos anos, aos trabalhadores, a tragédia sangrenta de Chicago ocorrida em 1.º de Maio de 1886.

O que não ignoro é que dessa acção saíram prejudicados aos escravos, redundando esse prejuízo em benefício da burguesia.

Sendo o dia 1.º de Maio um dia de luto como se compreende que fôsse solenizado com música, foguetes e pic nics?

Porque se não disse aos trabalhadores que o dia 1.º de Maio é consagrado às vítimas de Chicago, assassinadas pela burguesia?

Ocultou-se ao proletariado o verdadeiro significado do 1.º de Maio.

Ocultou-se ao proletariado que os sacrificados na manhã de 11 de Novembro de 1887, subiram ao patíbulo por terem lutado pelo bem estar da Humanidade.

As consequências de tal atitude são o assistirmos ainda hoje a casos que nos revoltam e nos despedaçam a alma, dada a maneira como foi atrofiado o espírito do proletariado.

O horário de 8 horas de trabalho, conquistado esta pela qual as vítimas de Chicago sacrificaram a vida, é bastas vezes traído.

Se tivesse sido, há mais tempo, ministrado à classe proletária o espírito de luta de classes, já há muito que teria caducado a sociedade capitalista-estatal.

Aproveitemos, no entanto, dias assim... o dia de hoje para dizermos aos trabalhadores que na sua mão está o esfacelamento desta infame e criminosa sociedade.

Por toda a parte onde seja possível fazer-se ouvir a nossa voz, digamos-lhe:

As torturas lancinantes que tu passas, vendo os teus filhos famintos; a perseguição de que és vítima quotidianamente por parte de todos os tiranos, negando-te trabalho e encurralando-te numa imunda enxovia; enfim: de todo esse teu mal estar, só tú és culpado.

Na tua mão tens tudo para conquistares a tua felicidade.

Despedaça as algêmas que te manietam: vem juntar o teu ao nosso esforço.

Derrubemos esta sociedade de sangue e lama e substituímo-la por outra onde o homem seja livre na Terra Livre.

Feito isto teremos vingado os mártires de Chicago, e tantos outros.

Prepara-te, educa-te enquanto há tempo.

28-4 925.

SAÚL DE SOUSA.

Auto-resposta de um HOJE "COPAIN" DE MOSCÓVIA

I

Sindicalismo.—Com esta palavra é designada a tendência do movimento operário a não esperar das classes dirigentes capitalistas e governativas reforma ou melhoramento, e a não esperar a emancipação total dos trabalhadores senão da acção directa de pressão, de resistência e de ataque dos próprios trabalhadores, por meio da sua organização de classe. O sindicalismo assim, sem fazer uma explícita e exclusivista declaração de princípios antiparlamentares e anárquicos, chega praticamente às mesmas conclusões que as teorias anarquistas alcançam por via doutrinal. Chamando a si na sociedade presente toda a luta operária anticapitalista, torna inútil o parlamentarismo e a conquista dos poderes públicos; e reservando a si no futuro a função de reorganização da economia social, torna inútil o Estado, socialista ou não.

Nestes termos encontro definida algures a tática que a publicação deste jornal veio avivar. A definição parece-me completa. Em todo o caso sempre acrescentarei que não se pretende, com semelhante meio, que o operariado não deve sair do terreno da luta económica e deve permacer afastado dos debates das doutrinas socialistas ou outras. Isso equivaleria a interdizer-lhe o raciocínio, a negar-lhe o pensamento e a circunscrever a questão a um dos seus aspectos, embora principal.

BEL ADAM OU KIT.

em 1907.

COMO NÃO SER ANARQUISTA?

Preço \$20; pelo correio \$30

SECCÃO DEDICADA AOS CAMPONESES

A UKRANIA REVOLUCIONARIA

«... Sem dúvida alguma, não é das teorias de um Gidwin, de um Proudhon ou de um Kropotkin que nasce o anarquismo dos camponeses ucranianos. O facto, porém, é que certos elementos das teorias anarquistas se exprimem nas tendências e nas manifestações dos camponeses ucranianos.

As teorias anarquistas encerram elementos negativos e elementos positivos. Os elementos negativos são: a negação do Estado, o antimilitarismo, o respeito à personalidade em todas as suas decisões tomadas em comum, quer sob o ponto de vista político, quer sob o ponto de vista económico.

As operações dos camponeses ucranianos coincidem com os elementos negativos do anarquismo. Os camponeses não querem reconhecer nenhum governo; exprimindo-nos em termos de escola, dir-se-ia que negam o Estado. Não querem ser soldados, odeiam e detestam a administração e a burocracia, não querem militaristas: defendem por todos os meios a sua própria liberdade; isto não quer, contudo, dizer que, pelo facto dos elementos negativos serem os que mais ressaltam na acção dos camponeses ucranianos, esta acção se limite a ser simplesmente negativa. Certamente que os camponeses não são teóricos; são, no entanto, anarquistas por sentimento. Em diversas ocasiões tem demonstrado que sabem proceder na ordenação dos seus assuntos de acordo com as suas tendências libertárias e ainda no sentido do comunismo.

Se agora tratamos de compreender de onde podem provir essas tendências anarquistas, relativamente fortes nos camponeses da Ucrânia, a explicação ser-nos há dada por essa necessidade natural que se tem de se ser livre e pela forte influência exercida pelos últimos acontecimentos da última revolução, e também pela situação criada em consequência da sucessão dos anos de guerra.

Como não compreender que seja, num povo que teve, num espaço de seis anos, treze governos distintos — como sucedeu em algumas províncias, tais como Kieff, Poltava, Ber-

dianek — odiado um governo? É verdade que todos estes governos foram governos de guerra e foi debaixo do seu pior aspecto que lhes foi preciso mostrar-se.

Ao camponês requisiava-se cereais, cavalos, numa palavra: os camponeses não representavam para os governos alem dos meios que permitiam continuar a guerra.

Não foi Makno que combateu o exército vermelho, foi este que quis submeter os camponeses conduzidos por Makno. Quando os camponeses fizeram frente e lutaram contra os seus novos opressores com um propósito de defesa pessoal, os iniciados acreditaram naturalmente que eram os camponeses de Makno os que combatiam o exército vermelho.

Se bem que estejamos hoje em pleno combate e não possamos exercer uma objectividade clara e imparcial, chegará, todavia, o dia em que o historiador da revolução na Ucrânia se colocará nos seguintes pontos de vista para estudar a rota entre os camponeses e o exército vermelho:

O exército vermelho lutava contra o imperialismo capitalista da Entente e contra todos os generais russos do czar e a soldo da Entente, e igualmente contra todos os pequenos Estados vassallos, económica e politicamente, da Entente, tais como a Polónia, a Romania, etc.

Os camponeses ucranianos combatiam todos os imperialismos, incluindo o imperialismo vermelho da república dos soviets. E se associamos as palavras *imperialismo* e *vermelho*, é porque damos aqui à palavra imperialismo um sentido completamente simbólico.

O movimento de Makno foi, na sua origem, um movimento de camponeses dirigido contra a invasão inimiga. Os camponeses revoltados não se contentavam em combater só os alemães e os austríacos: combatiam depois toda a classe de governo.

A lógica dos camponeses é muito simples: «queremos viver por nossa conta e não que-

remos ser incomodados. O que vier até nós com o fim de nos dominar, será combatido e os seus bens divididos entre nós.

Todo o elemento camponês está contra os *pomeschtschiks* (proprietários territoriais). A nenhum preço querem a volta destes proprietários. E é com a energia do desespero que combatem os generais contrarrevolucionários, defensores da grande propriedade territorial.

Expulsaram Petliura, Grigorieff e Wrangel. E no entanto, Wrangel, aproveitando as lições dos que o precederam, veio com um programa próprio a fim de atrair os camponeses. Nenhum proprietário poderia possuir mais de 200 *deciatinas* de terra (uma *deciatina* é igual a 109,24 áres). Wrangel esperava conquistar por esse meio uma maior simpatia que Denikine e seus predecessores. Acreditou poder assim ganhar o apoio dos camponeses e associar-se-lhes, como o governo romeno o conseguira com uma política agrária semelhante, afastando por completo as ameaças de revolução. Se os boiardos, porém, conseguiram guardar as suas terras mediante estas ligeiras concessões, os camponeses ucranianos anteviram, após uma larga luta, os desígnios de Wrangel, e se este logrou seduzir uma parte dos camponeses, pelo menos a parte mais avançada foi-lhe sempre hostil.

Ainda que o seu exército não tivesse sido destruído por Makno e pelo exército vermelho, Wrangel não podia sustentar-se por muito tempo. Os camponeses eram contrários às 200 *deciatinas* do programa de Wrangel e contra as 50 do programa bolchevista. Os bolchevistas não se queriam malquistar com os ricos camponeses: como tem necessidade deles, não se podem dar ao luxo de desprezá-los. Foi o que os levou a fixar uma regra segundo a qual nenhum camponês pode possuir mais de 50 *deciatinas* de terra. No entanto, os camponeses pronunciaram-se contra este limite.

Na sua opinião, este máximo é demasiado elevado: para eles, é um máximo de burguezia. Em seu entender, são novos *pomeschtschiks*.

AUGUSTIN SOUCHY

A VIDA NO CAMPO

Quando estalou a revolução, foram os membros desse grupo os que tudo fizeram. Os outros não se atreveram a dizer uma palavra; tremiam; permaneciam

injustos com os camponeses, tinham tantos crimes na sua consciência — que, se tivessem despertado mais terríveis rancores, poderiam vir a ser, naqueles dias turvos, vítimas desses mesmos



A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES HÁ DE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES

em casa ou escondiam-se; numa palavra: os comunistas não encontraram séria resistência.

Houve-a, porém, depois, quando se abria a era das dificuldades, isto é: quando foi preciso organizar a nova vida. Se então houve-se abundância como agora, tudo se teria resolvido sem inconvenientes. Mas precisava-se de tudo ou pouco menos. Por sorte, os nossos camponeses tinham provisões em reserva e puderam servir-se delas durante algum tempo. E esse tempo, bem empregado, bastou para fazer o necessário. Na zona que circunda a povoação não havia mais que alguns grandes proprietários. A excepção do velho Grandjean, cuja avareza era proverbial, todos cederam as suas propriedades. E seja dito entre nós, houve dois ou três que fizeram bem, porque tinham cometido tantas exações, tinham sido tam duros e a miude tam

rancores. Apossamo-nos dos seus castelos e das suas terras. Quanto ao tio Grandjean, fez-se-lhe compreender que outra coisa não tinha que fazer senão ficar tranqüilo; prometeu-se-lhe que não se lhe faria nenhum mal e que não lhe faltaria nada. Feito isto, em casa de todos aqueles «despojados» instalaram-se, com as suas respectivas famílias, equipes de trabalhadores agrícolas. Organizou-se o trabalho dos campos, correndo tudo bem. Estávamos em pleno verão.

O feno, o trigo, a aveia, a cevada tinham sido já recolhidos ou amontoados. Estávamos em vésperas de colher as batatas e as beterrabas; o milho proporcionava um bom alimento para os animais; as galinhas punham ovos em abundância; as vacas forneciam leite em quantidade.

Uma delegação partiu para Orleans, a fim de se entender com os amigos des-

ta cidade, convencendo-se em que daríamos uma parte da nossa colheita em troca do que o país, essencialmente agrícola, não produzia e, todavia, lhe era indispensável.

Alguns camaradas, agrupados em comissão especial, estabeleceram o inventário de todos os nossos recursos disponíveis; calculou-se a proporção a reservar e puzemo-la de parte. Depois, todas as semanas, como se tinha conveniado, expediam-se para Orleans uma fracção do que devíamos enviar, em troca da qual, todas as semanas também, recebíamos uma parte do que se haviam comprometido enviar-nos.

No meu regresso de Orleans, a comissão referida deu publicamente conta das disposições tomadas e dos acordos estabelecidos. Os descontentes não protestaram muito. Quando, porém, os nossos camponeses viram partir para Orleans, sem que nenhuma soma lhes fosse entregue e sem que nada se tivesse recebido, os produtos que prometemos expedir, então é que foram elas. Tentaram opôr-se ao envio dessas provisões, explorando maliciosamente a tradicional desconfiança dos camponeses contra o habitante da cidade; insinuaram que a população estava desprovida e ia ser arruinada em proveito da gente da cidade, conseguindo amotinar um certo número de habitantes. Vimos o momento em que estes nos iam jogar uma má partida. Estávamos, porém, tam decididos a sustentar a luta no caso dela ser provocada, que a nossa energia intimidou os descontentes.

No dia seguinte, recebemos uma quantidade de provisões cuja necessidade se fazia sentir e organizamos a distribuição. De semana para semana, este intercâmbio produziu bom efeito no espírito da população: apresentou-se-nos menos hostil e até favorável. Contudo, não tínhamos chegado ao fim das nossas penas. Demo-nos conta disso quando chegou a hora de organizar o trabalho em comum e pôr em comum a produção.

Para o primeiro ano, apoderamo-nos, pura e simplesmente, da produção; a bem ou a mal, tomamos posse dela sem nos preocupar-nos com a gritaria. E o temor fez calar os protestos. Mas apoiar este sistema na força, na violência, no terror, não estava conforme com o nosso temperamento, com as

Para que fizemos a revolução?

Declinava a tarde. Pela primeira vez o sol, enfermo de tédio, não projecta através o horizonte os seus raios dourados. Provavelmente está enfadado da nulidade dos homens que se matam reciprocamente por dá cá aquela palha: como miseráveis vermes, sofrem por futilidades e gosam de ninharias ou de coisas piores.

Pelo caminho pulverulento, e todo cheio de poeira, ia um homem de idade madura.

Pela fadiga que se reflectia nas suas feições e pelo esforço penoso com que andava, via-se que longo devia ser o seu caminho! As costas levava uma mochila, contendo talvez uma camisa tãca de algodão e umas calças rotas. É um soldado do exército vermelho que regressa à sua aldeia natal.

O homem anda, anda, anda sempre, pensativamente olhando a casaria dispersa na planície e povoada de homens e mulheres que sofrem resignadamente o seu eterno labor.

nossas concepções, com os nossos desejos.

Tratava-se de levar os nossos pequenos proprietários a unir os seus lotes de terra, a cultivá-las em comum e a colocar no montão as suas colheitas. Tratava-se de criar novos métodos de trabalho e novos costumes. Numa palavra, tratava-se de substituir, pela persuasão e não pela violência, o antigo modo de produção pela produção comunista.

Neste sentido, fizemos esforços prodigiosos. Havia, neste momento, uma boa parte da povoação que acompanhava os comunistas. O antigo grupo dos «cem» tinha constituído outros pequenos grupos. Alentados pelo êxito, apoiando-nos nos resultados aqui já obtidos e no exemplo dado pelas grandes cidades, acabamos por fazer compartilhar o nosso ponto de vista por uma boa parte da população. Era alguma coisa, era talvez muito. Contudo, meteu-se-nos na cabeça conven- cer a outra metade. Havíamos de consegui-lo, custasse o que custasse.

(Continua),

De «O men comunismo».

SEBASTIÃO FAURE.

Os seus vestuários denunciavam o que há de mais miserável. Nos seus rostos, queimados pelo sol e pelo ar, desenhavam-se sinais de tristeza e de profundo desespero. Aquela gente trabalhava, vestia-se e parecia ser a mesma que antes da Revolução.

O revolucionário detem-se, contempla a paz-gem circundante e consulta-se:

— Para que fizemos a revolução?

E continua a sua marcha a caminho da aldeia onde se encontram os seus pais e onde a sua mulher e os seus filhos impacientemente o devem esperar depois de tam prolongada ausência.

Pouco a pouco, a estrada funde-se na sombra. Ante o viandante, passa um grupo de operários que caminham com o mesmo olhar cansado, com a mesma fadiga enervadora, com o mesmo aborrecimento aniquilador de antes da guerra, de antes da revolução — pelo que o nosso viajante infere que aqueles operários sofrem como antigamente e, portanto, são ainda desditosos...

O revolucionário observa tristemente o grupo e exclamava: — Para que fizemos a revolução?

E retoma novamente a marcha em direcção à aldeia onde se encontram os seus pais e onde a sua mulher e os seus filhos impacientemente o devem esperar depois de uma tam prolongada ausência.

O ladrão dos cães anuncia a aproximação da aldeia, envolta pelas trevas da noite invasora. O vento geme por entre a ramagem do arvoredor que se levanta nos dois lados da estrada. O nosso caminhante segue sempre; anda, anda, pensando na sua família.

Já chegou — já está ali entre os seus...

No dia seguinte, o revolucionário tem de manejar o arado, como os seus vizinhos, para ter com que alimentar-se; se Lênine ocupa o lugar de presidente, os infelizes continuam infelizes, os pobres humilham-se sempre perante os ricos e perante as autoridades.

O revolucionário reflecte e interroga-se:

—¿Para que fizemos a revolução?

Extenuado pela fadiga após uma larga jornada de trabalho, regressa à sua pobre choça, aonde chega já noite escura. Para a cela, há pão, papas e água. O cão estira-se próximo do lume. Os grilos, nas fendas da cabana, cantam a sua canção de amor. As crianças dormem, apenas cobertas pelos andrajos.

—¿Quem ganhou a vitória?—
inquire a sua mulher que, contente de poder abraçar de novo o seu companheiro, não tivera, antes tempo de lhe fazer aquela pergunta.

—Nó!

—¡Porém, tu não tens um yntem!

—E' verdade. Mas ainda assim ganhamos: esmagamos a contrarrevolução e dominamos os ferozes estrangeiros.

—Contudo, como antes, ficamos sempre de baixo, sempre de baixo, no fundo—disse dolorosamente a mulher.

O revolucionário passa a mão pela testa, sem saber o que responder, e interroga-se muito em segredo:

—¿Para que fizemos a revolução?

—Quando te uniste aos revolucionários tinhas um pouco de dinheiro, tinhas uma pequena casa, tinhas as tuas roupas, tinhas as tuas armas. Agora não tens nada. ¿A que se deve isto, se tu és dos que ganharam?

O revolucionário volta a passar a mão pela testa, sem saber o que responder. Apenas sabe que os seus chefes ocupam bons postos: Lénine é presidente, Trotsky comandante; e muitos outros—desses que não estiveram no combate revolucionário, que não participaram da revolução—teem agora empregos de comissários que rendem bastante; enquanto que ele não tem nada, excepto um lar desolado. E a mesma sorte está reservada a todos os «simples combatentes» como ele.

Então, recordando-se das duras marchas forçadas, das fadigas, das dores por todo o corpo, da fome e do frio, das vítimas inumeráveis que tombaram na batalha; lembrando-se da fome e da nudez que a sua família sofreu durante a sua ausência—sente um nó na garganta e mais uma vez se interroga em silêncio, muito em silêncio:

—¿Para que fizemos a revolução?

—¿Para que fizemos a revolução?—pergunta a mulher.

O revolucionário, surpreen-

dido pela identidade do seu próprio pensamento, com o da sua mulher, não pôde conter mais a indignação que lhe agita o coração e exclama dolorosamente:

—A revolução foi feita para os aventureiros que nos queriam governar, para todos aqueles que querem viver do trabalho alheio. Obstinadamente, recusamo-nos a escutar os anarquistas, os quais, em todos os momentos propícios, nos diziam: «Não sigais cegamente os chefes; apoderaí-vos da terra, dos bosques, das minas, das fábricas, das oficinas, dos meios de comunicação; estabelecei, com eles, uma propriedade comum de toda a Rússia e organizai, em comum, a produção e o consumo.»

Diziam-nos que é criminoso combater para se substituir os amos por outros amos, e que isso em nada modificará os nossos assuntos. Não quisemos ouvi-los, porque são pobres, porque pertencem à mesma classe que nós. E, como é costume dizer-se, o pecado trouxe o castigo. Merecemo-lo, visto que não quisemos vêr, não quisemos pensar, não quisemos compreender.

Sim, os nossos chefes vivem agora confortavelmente, enquanto que nós, carne de canhão, que verdadeiramente combatemos expondo os nossos peitos às balas adversárias—nós somos agora mais desditosos do que antes!...

Os silvos estridentes duma corneta militar arrancam o João da sua modorra. Desperta, e com assombro contempla o interior pôrco, sombrio e húmido do vestuário militar. Examina os seus camaradas do Exército Vermelho, tam extenuados como ele. Com profundo desespero, baixa silenciosamente a cabeça.

Desde então, João já não grita nas assembleias: «¡Viva Lénine! ¡Viva Trotsky!» Pensa que ele também deve gosar a liberdade e o bem-estar, que a liberdade e o bem-estar devem pertencer a todos.

P. F. M.

(Revolucionário russo).

Conseguir um novo assinante para A COMUNA, é apressar a queda da tirania que nos oprime.

TRIBUNA JUVENIL

Os jovens sindicalistas e o 1.º de Maio

Nascido o 1.º de Maio da luta mais trágica, mais horrorosa, que a História do movimento emancipador do proletariado mundial registou, ficou esta data toda tarjada de negro, dum negro muito pesado, como que a chamar à revolta aqueles, cuja vida de privações, torturada pela mais extrema miséria, é carregada, também, dum negro muito vivo. Ficou esta data a afirmar, duma forma positiva, que entre o Trabalho e o Capital já mais poderá haver harmonia; que destes dois elementos tam heterogêneos não há a esperar outra coisa que não seja uma guerra sem tréguas, formidável e brutal, como brutais são sempre as colisões entre exploradores e explorados.

Ficou o 1.º de Maio a proclamar bem alto a necessidade dos trabalhadores sacudirem enérgicamente, dos seus esqueléticos ombros, a pata feroz da tirania burguesa, que os não deixa sêr livres, que os não deixa viver para a felicidade a que todos os seres teem direito.

Sim, a luta travada no dia 1 de Maio de 1866, na cidade de Chicago, para a conquista do dia normal de 8 horas de trabalho, não tem somente um significado restrito a uma simples regalia de carácter imediato. O seu significado é muito mais elevado, muito mais extenso: foi a demonstração do desejo veemente de que estava possuído o proletariado norte americano, de acabar por uma vez com a gargalheira infame do Estado; de terminar, para sempre, com a tutela vergonhosa do patronato, e, conseqüentemente, com o vexante regime do trabalho assalariado; de liquidar, enfim, com a pútrida sociedade actual, substituindo-a por uma outra, cuja organização social não dê margem à prática de prepotências, indignas duma sociedade que se diz civilizada...

E é por isso que o proletariado de todo o mundo comemora o 1.º de Maio. E' que ao mesmo tempo que presta homenagem àqueles que foram sacrificados em holocausto à sede insaciável de ouro dos reis do petróleo, do aço, etc., etc.; ao mesmo tempo que vincula profundamente o seu protesto contra aquele crime da burguesia americana; que mostra a

sua revolta, a sua indignação contra todos os crimes dos senhores do Universo, simultaneamente afirma o ardente desejo de conseguir a sua emancipação, estabelecendo na Terra a Paz, o Amor e a Beleza!...

E é por isso, também, que os jovens sindicalistas emprestam todo o seu vigor, todo o entusiasmo da sua mocidade viril às comemorações de tam célebre data, porque entendem eles, ao contrário de muitos bons amigos dos trabalhadores, que não lhe imprimindo um cunho francamente revolucionário, deixarão de ser consentâneas com o significado do facto histórico que se comemora.

ERNESTO RIBEIRO.

Jovem sindicalista

A comemoração do 1.º de Maio

A comemoração da data histórica do 1.º de Maio, está de ano para ano passando por várias modificações, que não-de, com o evoluir do tempo, imprimir ao dia de hoje o seu verdadeiro carácter. Consultando as páginas da história, nós vamos encontrar a razão de ser desta nossa afirmação.

Quiseram outrora os socialdemocratas festejar um dia significativo, com músicas, foguetes, bailes, etc., facto que ainda hoje se constata nesses centros políticos... como se o 1.º de Maio fôsse um dia de alegria para todos os trabalhadores do Universo...

Quisera-se imprimir ao 1.º de Maio—dia de dor, de luto e de revolta—o dia de Confraternização do Trabalho. Como se a crise de trabalho não existisse... Como se tudo quanto existe não fôsse exploração desalmada, exercida pelo homem sobre o homem...

O dia 1.º de Maio é o dia da confraternização Universal dos escravos. Se bem que ainda não está verdadeiramente integrado no seu significado, pelo menos já é mais alguma coisa do que pretendiam que fôsse os políticos socialistas...

Todos os anos se repetem as mesmas frases nos comícios e sessões públicas. Todos os anos se repetem os mesmos escritos nos jornais operários que nesse dia saem, em números especiais. Todos os anos, enfim, se debate o mesmo assunto, assunto que nós não desprestegiamos, mas queremos que ele se modi-